

## A Alemanha agoniza sob a sombra da Ucrânia



Por **HUGO ALBUQUERQUE\***

*Grandes corporações alemãs anunciam cortes e demissões, enquanto eleições antecipadas possivelmente derrubarão o atual governo*

Com eleições previstas para setembro do ano que vem, a Alemanha vive em compasso de espera para um voto de confiança do parlamento em breve – o que pode antecipar as eleições para fevereiro de 2025. Há pouco, o ministro das Finanças, Christian Lindner, do Partido Liberal-Democrata, foi demitido, desmanchando a coalizão semáforo – que unia o vermelho dos social-democratas, o amarelo dos liberais-democratas e o verde.

A disputa orçamentária que serviu como pretexto para a demissão de Christian Lindner, no entanto, deriva de um cenário onde a economia alemã dá mostras de crise severa. A razão é o fato da explosão do preço da energia para o país, causada pela intervenção da Otan contra a Rússia na Ucrânia, ter esgotado a poderosa indústria alemã, levando a uma gradual queda na atividade econômica. Com quase três anos de conflito, a Alemanha dá poucas mostras de como reverter o quadro.

Com menos crescimento econômico, mais inflação e um enorme gasto determinado pela ajuda econômica à Ucrânia, Berlim tem pouco a fazer. Até as pedrinhas na rua sabiam que a expansão da Otan até a Ucrânia levaria a uma crise bélica com a Rússia, abalando o vantajoso comércio que Berlim tinha com Moscou. Essa possibilidade foi, inclusive, mais um benefício que ingleses e franceses viam no confronto.

Uma guerra curta, com a vitória ocidental e uma possível queda do regime de Vladimir Putin levaria a um caos temporário, mas poderia trazer ganhos para a Alemanha – ou, ao menos, não seria um pedágio tão caro para o governo liderado pelo social-democrata Olaf Scholz. No entanto, o prolongamento do conflito e a vantagem russa numa guerra de atrito jogou o prejuízo econômico para o outro lado do mar Negro.

### **Demissões e cortes no grande capital**

A história da Alemanha Unificada se confunde com a das suas grandes corporações. Não há momento, de democracia parlamentar ou autoritarismo, em que o capitalismo alemão não gire em torno de gigantes setoriais e seu jogo com o Estado – que hoje subsume sindicatos e movimentos populares em sua estrutura institucional. Mesmo o nazismo não foi um capítulo de estatização, mas de avanço dessas corporações, inclusive em uma economia de guerra.

Os últimos resultados da indústria alemã são descritos como [um crash formidável](#). Ainda que seja impossível negar o papel dos custos causados pela guerra na Ucrânia, a mídia global busca emplacar uma narrativa sinofóbica: seria a indústria automobilística chinesa a destruir a Volkswagen ou a Mercedes. Em parte é sim, mas inclusive porque os chineses têm sua demanda energética assegurada, inclusive pelos russos.

Repassar os cortes para o trabalho, cortando subsídios para a agricultura - para, assim, aumentar a oferta de mão de obra - e praticando demissões em massas se torna o caminho mais fácil para as corporações alemãs. O governo social-democrata, com seus históricos vínculos sindicais, se torna a bola de vez e o alvo do grande capital local. É preciso um governo que avance no arrocho.

Depois de eleições estaduais que mostraram, recentemente, um periclitante avanço da extrema direita, no plano federal, no entanto, os democratas cristãos surgem à frente nas sondagens. Os alemães foram convencidos a combater a Rússia, o que não foi muito difícil, mas isso não quer dizer que eles simplesmente não possam culpar o governo de Olaf Scholz pelo desastre econômico - e nem sempre veem uma ligação entre as duas coisas.

Scholz, assim como Joe Biden nos Estados Unidos, sempre buscou maquiar os custos e efeitos reais da guerra - inclusive para ter apoio popular na guerra santa contra Vladimir Putin. Evidentemente, isso foi a guerra santa da administração Biden, mas para Olaf Scholz foi um desastre que tirou a Alemanha de uma situação confortável, mas que não poderia ser evitada, sob pena de desviar de compromissos constitutivos do país.

Entre a salvação econômica e a sujeição estratégica aos Estados Unidos - ainda mais sob governo democrata, que é simpático ao establishment alemão e europeu - é óbvio que prevaleceu o segundo item. Joe Biden, então, se tornou uma espécie de flautista de Hamelin suicida, e Olaf Scholz uma das crianças que foram hipnotizadas, ao final da trama, pelo mágico, até desaparecerem nas montanhas.

## Uma volta ao passado

Os alemães parecem esperar, em um primeiro momento, que a velha democracia cristã restabeleça a estabilidade estagnada do longo governo de Angela Merkel. Não falta na esquerda quem, inclusive, insista na ideia que com Merkel teria sido diferente - muito embora a ex-premiê insista em apoiar o que o governo Olaf Scholz fez na Ucrânia, tentando renegar seu passado e afirmar seu papel pacificador com a Rússia como dissimulação.

Hoje, no entanto, os democratas cristãos da Alemanha têm um outro líder: Friedrich Merz, advogado e lobista do trilionário fundo de capitais Black Rock, que foi um concorrente à direita de Merkel pelo poder na Democracia Cristã. Derrotado e isolado por Merkel, Friedrich Merz se retirou brevemente da política eleitoral, continuando, entretanto, como um grilo falante de crítica à direita dos governos de Merkel.

O processo de ascensão de Friedrich Merz foi, no entanto, um acidente. Principal assessor econômico de Edmundo Stoibel em 2002, ele perdeu terreno com a liderança de Merkel, só retornando para tentar disputar a liderança do partido no contexto de aposentadoria dela. Perdeu para a sucessora designada de Merkel, Annegret Kramp-Karrenbauer, que depois cairia em desgraça, mas perdeu a indicação para as eleições de 2021 para Armin Laschet.

Após a vitória social-democrata em 2021, Friedrich Merz tentou e, finalmente, conseguiu a liderança do partido. Mas dificilmente gostaria de assumir o poder em um país devorado por uma guerra que ele, igualmente, aceitou de maneira bovina - mesmo que tenha buscado assumir uma linha crítica até os primeiros meses de 2022, quando Kramp-Karrenbauer fazia [ameaças nucleares à Rússia](#).

As posições de Friedrich Merz são de defesa mais enfática do neoliberalismo e, ainda, uma crítica à política de refugiados e imigração. Nos anos Merkel, ele disse que sua correligionária foi fraca com Donald Trump, em seu primeiro mandato como presidente americano. Hoje, Friedrich Merz [busca um acordo](#) com o Trump. A mesma coisa se pode dizer sobre a expansão da Otan para a Ucrânia, sobre a qual ele foi contra até dar um giro de 180 graus no começo de 2022.

A aposta em Friedrich Merz parece ser o derradeiro suspiro do hiperpoderoso establishment político alemão. Depois dele,

os eleitores tenderão a olhar com mais carinho para os extremos do espectro, seja o socialismo linha-dura de uma Sahra Wagenknecht ou a extrema direita da Alternativa pela Alemanha (AfD, em alemão) – que está rachada ao meio por suas duas grandes linhas.

Nada indica que Friedrich Merz poderá salvar a Alemanha, uma vez que dificilmente fará algo fora da linha da Otan e, por essa razão, não vai poder emendar a relação com os russos. Mesmo que Friedrich Merz tente, os compromissos do presidente russo Vladimir Putin com seus aliados chineses vão fazer da Europa a segunda opção. De resto, fica a enésima lição da incapacidade de liberais, e da linha moderada da social-democracia fazerem frente a essa crise global.

**\*Hugo Albuquerque** é advogado e editor da *Autonomia Literária*.

Publicado originalmente no site [Opera Mundi](#).

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**